

Credores querem apressar negociações sobre dívida

Denúncias de Pedro Collor não mudam posição dos banqueiros

PAULO SOTERO

Correspondente



WASHINGTON — Temeroso de que a briga entre os irmãos Collor possa atrapalhar a fase final das negociações entre o Brasil e os bancos internacionais, William R. Rhodes, o executivo do Citicorp que coordena os credores, sugeriu ao ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, que as conversas sejam aceleradas.

Nas circunstâncias atuais, um acordo seria uma boa notícia para o presidente Collor, indicou o banqueiro num telefonema que deu ao ministro, no início da semana. Até a semana passada, os dois lados continuavam sem se entender sobre a questão que os separa desde o início das negociações, há nove meses: o montante de garantias que o País apresentará na data de efetivação do acordo.

Pressa — A pressa de Rhodes e a óbvia necessidade política do governo de produzir um fato positivo rapidamente podem, de fato, facilitar o en-

Associated Press



William Rhodes

"Um acordo seria uma boa notícia para Collor"

tendimento. Afora piadas, as denúncias de Pedro Collor contra o presidente da República não parecem ter causado nenhum estrago maior imediato entre os investidores externos que voltaram a aplicar no País nos últimos meses.

Os papéis da dívida no mercado secundário, que haviam

caído na semana passada, continuaram a subir ontem. Não houve variações significativas no valor dos papéis no mercado de eurodólar. E a Aracruz formalizou ontem, sem dificuldade, a venda de US\$ 132 milhões em American Depositary Notes (ADRs), 70% das quais a investidores institucionais americanos.

Atração — John Purcell, da casa de investimentos Salomon Brothers, disse ontem, num seminário sobre inversões no Brasil, realizado do Hotel Plaza, em Nova York, que o escândalo "não ajuda" mas o País continua a ser atraente para os investidores.

O presidente do BNDES e chefe do programa de privatização, Eduardo Modiano, procurou enfatizar esse ponto. Ele disse que Collor deverá assinar brevemente uma resolução abrindo o setor energético para a privatização.

"O mercado captou só o lado mais novelesco do episódio" e o descontou como um evento menor", disse um operador de papéis brasileiros de uma das maiores casas de Wall Street. "As pessoas ainda não se deparam com a conta de suas possíveis implicações no Brasil."